

NÃO TE PERMITIREI ESQUECER

JF Martignoni

EU ESTAVA EXAUSTO, tentando me manter acordado tomando um café preto sem açúcar e fumando um cigarro na sala dos professores, esta era minha segunda semana no primeiro ano como professor de educação moral e cívica (EMC). Até ano passado eu era professor de filosofia, uma matéria que já era optativa e obviamente seria suspensa do currículo escolar, o que aconteceu ano passado com a Lei n. 5.692 (1971).

Houve uma mudança brusca no meu modelo de aula, eu simplesmente não poderia mais estimular o pensamento crítico, não poderia mais me maravilhar em ver meus alunos refletir em sala de aula. Mas o que iria eu fazer da minha vida? Tudo que estudei para ser e tudo que fui foi professor nos últimos vinte anos, ajudei minha família com seus afazeres durante minha adolescência, mas isso se passara a décadas.

Estudei e me adaptei, quer dizer ainda estou estudando, dormi apenas duas horas na noite passada tentando achar furos nas especificações do currículo para poder manter meus alunos com mentes pensantes, sem ser considerado subversivo e comunista, e sofrer as punições que nos são contadas em sussurros dentro de nossas casas. Conhecia pessoas desaparecidas, jornalistas teimosos. Agora mesmo percebo que também sou teimoso, nos primeiros dois períodos da manhã já estava tentando ao menos fazer os alunos pensarem por que era importante ser patriota, com seu esforço ajudar toda a nação crescer, todavia ouvi alunos criticarem as ideias e não os censurei, pelo contrário eu complementei. O que sei que não devia fazer, não no meio deste governo militar.

Estava decidido, eu iria me vigiar, e manter uma boa conduta, tenho uma esposa, dois filhos, e uma mãe doente para sustentar. Querida mãezinha já perdeu dois filhos pequenos que ingenuamente tomaram veneno que um vizinho havia colocado em uma garrafa de refrigerante, depois de quebrar o frasco original. Não posso ser o terceiro. Vamos lá Roberto, você consegue se manter na linha. Foco Roberto.

– Roberto. – chamou a secretária da escola.

– Sim? – respondi.

– Há alguns senhores querendo conversar com o senhor.

– Mande os entrar. – antes de eu acabar a frase já haviam quatro homens dentro da sala, eu sabia exatamente do que se tratava, precisava manter a calma e usar minha oratória para me livrar dessa.

– Boa tarde, professor Roberto. Eu sou o Capitão Fleury da Departamento de Ordem Política e Social(DOPS) precisamos que o senhor nos acompanhe para fazer uma entrevista. Não precisa se preocupar, queremos apenas manter a ordem e entender como os alunos estão lidando com a transição no currículo. Sabemos que nesta instituição a maioria dos alunos fazia a matéria optativa de filosofia, lecionada pelo senhor.

Eu precisava manter a calma, parecer o mais inocente, não que fosse culpado, mas precisava parecer extra inocente. Precisava parecer relaxado e disposto a cooperar, estava controlando até minha respiração para parecer completamente inabalado.

– Claro, estou livre até o último período da manhã, podemos ir agora? Querem que eu vá com vocês? Posso segui-los de carro.

– Não há necessidade de usar seu carro, levamos o senhor e o traremos de volta antes do último período.

Eu bem sabia que aquilo não era um bom sinal, será que foi assim com todos que desapareceram? Entramos na viatura e seguimos em uma conversa que poderia ser casual, se eu fosse ingênuo o suficiente para cair nessa.

Chegamos no departamento e tudo estava tranquilo demais, os oficiais me deixaram em um escritório como Capitão Fleury. Ele me ofereceu café, qual neguei. Serviu-se uma xícara, disse que eu poderia fumar ali e ligou o gravador.

– Sou o Capitão Fleury conduzindo a entrevista de número 75, no processo de manutenção da ordem e neutralização dos movimentos estudantis. Aqui entrevisto um professor para conceder-lhe sua renovação do Atestado Ideológico e obter informações sobre os estudantes da Escola Suíço-Brasileira do Rio de Janeiro. Pode se identificar Professor Roberto?

– Sou o Professor Roberto dos Santos, responsável pela disciplina de Educação Moral e Cívica da Escola Suíço-Brasileira do Rio de Janeiro. Gostaria de expressar que estou disposto a ajudar com tudo que for necessário para a investigação e para o bem do país.

– Fique tranquilo professor, não há nenhuma investigação em aberto, é apenas uma entrevista de rotina. Você era professor de filosofia antes da matéria ser extinta do currículo do ensino médio não era? Um professor com números de inscitos impressionantes para uma disciplina optativa, o que você acha da substituição da sua disciplina anterior pela EMC?

– Sinceramente acho uma boa substituição, precisamos preparar os alunos para serem os melhores cidadãos possíveis e creio que com essa nova linha de ensino conseguiremos esse objetivo. – Eu precisava mentir tinha muito em jogo.

– Você prefere então a matéria que leciona atualmente do que a que se formou para lecionar?

– Acho que não abandonei a filosofia, só foquei nas partes que mais interessam nela. Não precisamos mais discutir conceitos errôneos e confundir os alunos com tantos pontos de vista que poderiam leva-los a fazer escolhas erradas ou analisar errado coisas que precisam ser feitas.

– Certo. Temos aqui que o senhor realizou uma palestra sobre Marx na sua escola, por que a escolha do tema?

– Bom, foi focada em seus estudos anteriores a sua proposta maluca de comunismo. Fiz, pois me foi solicitado pela direção, os alunos haviam solicitado várias vezes algo específico sobre ele, não sei por que.

– Ótimo, agora podemos entrar no assunto que interessa de fato. Como os alunos estão reagindo ao fim da disciplina? Há muitos questionamentos? Alguma revolta?

– Não. Quer dizer não há mais questionamentos ou revolta do que há em qualquer outra matéria, sabe como são os jovens de hoje em dia, acham que todo o conhecimento é inútil.

– Estranho, ouvi rumores de alguns problemas em seu colégio sobre isso. Talvez fossem só rumores.

– Não lembro de nenhum.

– Ótimo, obrigado por seu tempo professor. – desligou o gravador. – Bom irei acompanhá-lo até a viatura para que possa retornar o colégio e não deixe os alunos sem aula. Sabe como é ‘mente vazia, oficina do diabo’. – rio.

Concordei com a cabeça e forcei um riso, segui o capitão para fora do prédio. Ao chegar no pátio do prédio não havia mais nenhuma viatura.

- Desculpe professor, que gafe minha, deve ter ocorrido algum imprevisto e as viaturas foram solicitadas. Fique tranquilo, vou pedir para que lhe chamem um táxi, há um ponto aqui perto, fica na conta do departamento. Não há estresse.

Concordei novamente com a cabeça e fiquei esperando na frente do prédio fumando. Antes que eu pudesse acabar meu cigarro, já chegou um táxi. Entrei e o motorista disse que sabia para onde me levaria e que a corrida já estava paga. Fiquei um pouco tranquilo, embora não conseguia ignorar a sensação de ter sido fácil demais. Talvez as histórias das pessoas fossem exageradas.

Um seis ou sete quadras do departamento, meu táxi foi fechado por dois carros, descem homens armados com fuzis, que agredem o taxista a mim e ao taxista, depois botam um capuz em minha cabeça, me amarram e me jogam dentro de um porta-malas.

Não posso dizer que sei ao certo quanto andamos, antes que eu fosse tirado do carro e em meio a socos e pontapés levado para uma sala a prova de som, com tiros nas paredes. Onde tirei o capuz e as roupas, fui molhado e recebi diversos choques, com intervalos de tempo variado. Desmaiei diversas vezes. Não sei quanto tempo estive lá.

Fui acordado de um dos diversos desmaios, e mandaram-me colocar novamente o capuz. Fui deixado em outra sala, amarrado, na completa escuridão, e nu. Uma sirene começou a tocar alto ininterruptamente, e uma corrente de ar frio foi ficando mais forte a cada minuto. Eu me sentia em uma geladeira. Se já estava em uma situação horrível antes, agora estava ainda pior, com as mãos atadas nas costas e as pernas atadas, não conseguia me mexer para urinar e tive que fazer em cima de mim mesmo e a urina com o ar frio diminuiu ainda mais minha temperatura corporal. Desmaiei mais algumas vezes, sempre acordando de frio e quando me dei por conta comecei a alucinar ali dentro. Primeiro vi pássaros voando pela sala, depois minha mãe chorando e por fim lobos rosnando. Eu estava enlouquecendo. Não me importava mais com nada, eu precisava sair dali.

Não sei se fiquei horas ou dias, passando frio, fome e sede, com minhas necessidades básicas escorrendo de meu corpo. Já não conseguia parar de ter visões, umas boas, outras terríveis. Estava tentando me recordar o nome dos alunos e qualquer um que eu lembrasse que poderia ter feito qualquer coisa que interessasse aos militares, chorava pela culpa do meu desejo de botar outra vida em meu lugar. Eu não queria morrer.

Uma porta se abriu, a sirene e o ar frio pararam, fui levantado pelos braços e posto de joelhos, o capuz removido da minha cabeça.

– Olá Roberto, posso fazer sua segunda entrevista agora se tiver tempo. – disse o Capitão Fleury.

– Ele parece ocupado, disse outra voz que não conhecia. A porta se fechou. A luz se extinguiu. O frio e a sirene voltaram.

Os personagens desse conto são fictícios, mas a história é real. Aconteceu diversas vezes entre 1964 e 1983, e eu não te permitirei esquecer.

JF Martignoni

nasceu em Erechim/RS, se formou em Publicidade e Propaganda pela (UPF), é autor dos livros ‘Dahaka’ (Chiado Editora) e ‘27’ (Kindle), escreve terror por que a vida é pior.